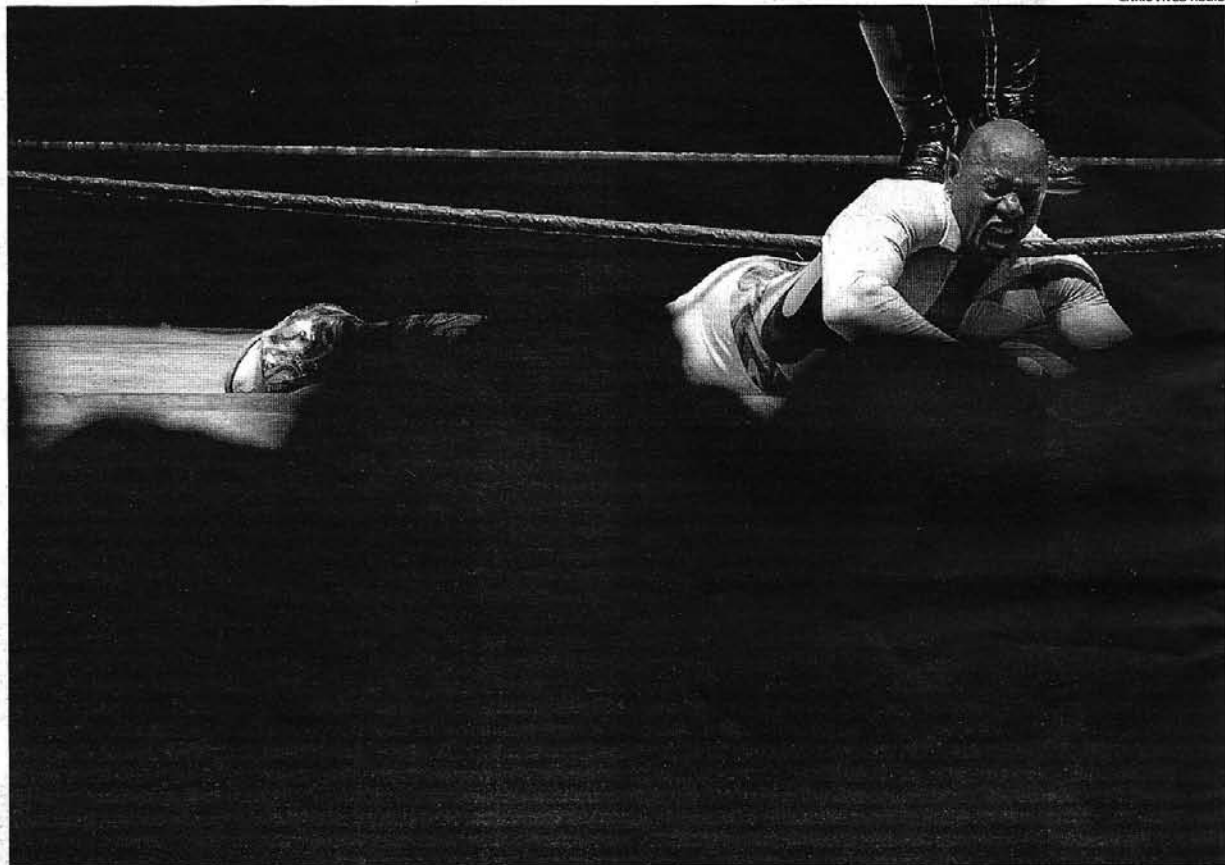


WRESTLING As vítimas do recreio

Ricardo agarra o amigo pelo pescoço e simula que vai atirá-lo ao chão. Têm nove anos e estão a brincar ao wrestling no pátio da escola. Imitam o que vêem na televisão. Não são os únicos, há miúdos de todas as idades, do 1.º ao 9.º ano, que brincam sem medir forças e por vezes vão parar aos hospitais. Por Bárbara Wong

ENRICVIVES-RUBIO



Espectáculo de wrestling no Pavilhão Atlântico, em Lisboa: os miúdos vêem os lutadores como heróis e modelos para as suas brincadeiras

Começam a chegar às urgências dos hospitais com dores de barriga, traumatismos cranianos, narizes fracturados. São rapazes agredidos pelos colegas. Não são vítimas de *bullying*, mas de *wrestling*. Ou seja, não se magoaram devido a violência e coacção entre colegas, mas sim por causa de brincadeiras em que imitam o que vêem na televisão.

Os ídolos destes rapazes são homens musculados com ares agressivos e fatos ridículos, que, numa arena rodeada de um público ululante, gritam e praticam uma espécie de luta greco-romana, mas à americana.

O fenómeno do *wrestling* não é novo, mas está a chegar aos recreios portugueses, sobretudo depois de o programa de televisão ter começado, no início do mês, a passar na SIC generalista — desde 2004 que vai para o ar na SIC Radical.

A Associação para a Promoção da Segurança Infantil (APSI) e a Associação de Consumidores dos Média já receberam queixas. A primeira de pais preocupados com o que se passa nas

escolas; a segunda de pais e educadores que reagem contra o conteúdo do programa, que dizem que é agressivo e pouco adequado para estar num horário familiar, ao domingo à tarde.

Mas o programa também passa durante a semana. É nesses dias que muitos dos meninos da Escola Básica do 1.º Ciclo Leão de Arroios, em Lisboa, vêm. No recreio, rodeiam os repórteres do PÚBLICO e gritam os nomes dos seus *wrestlers* (lutadores) preferidos.

As meninas, atentas, vão soletrando os nomes, para que fiquem bem escritos: John Cena, Batista, Undertaker, Triple H... Imediatamente as conversas se cruzam: “Eu gosto mais do Cena. Ele é um rapper. Eu tenho o disco!”, “Eu, é do Edge, já tenho um boneco do Batista”, “O Boogeyman tem um ar terrível! Mas é giro.”

O *wrestling* é mais do que o que passa na televisão, são as *T-shirts*; os bonecos; os jogos para a Playstation; os espectáculos no Pavilhão Atlântico, em Lisboa; as imagens dos lutadores preferidos estampadas nos bolos de

anos... Os miúdos gostam e desdramatizam. “Eles não se magoam”, explica Eduardo, nove anos, que confessa que vê às escondidas, porque os pais “têm medo que tenha sonhos maus”.

Proibidos de brincar na escola

No recreio da escola Leão de Arroios, em Lisboa, joga-se futebol no intervalo grande da manhã. A bola voa e, enquanto alguém a vai buscar, Ricardo agarra Tiago pelo pescoço e simula que o vai fazer voar por cima do seu ombro. O movimento é desajeitado, mas rápido, os dois rapazes desequilibram-se e Tiago ainda escorrega, mas nenhum cai. “Estava a tentar fazer um RKO [uma manobra do *wrestling*]”, admite Ricardo, de nove anos.

“Uma vez, o Fábio deu um soco ao Paulo e deitou sangue... E era a brincar”, conta João, de dez anos, do 4.º ano. Por isso, a coordenadora da escola, Zilda Mota, e as professoras disseram que os meninos estão proibidos de brincar, revela Beatriz, nove anos, que também gosta de ver os lutadores.

Pelo menos duas mortes nos EUA

Lionel Tate tinha 12 anos quando matou uma amiga com metade da idade. Foi há sete anos, na Florida, EUA: Lionel e Tiffany Eunick estavam a brincar ao *wrestling*. O rapaz agarrou Tiffany, pô-la no ar e fê-la andar à roda, atirando-a ao chão. Depois, Lionel, de 80 quilos, saltou para cima da menina, com apenas 20, acabando por matá-la. Tiffany tinha fracturado o crânio, partido várias costelas e o fígado lacerado. O rapaz foi julgado por um tribunal, como um adulto, e condenado a prisão perpétua. Alguns anos depois, outro tribunal anulou a primeira sentença e a pena foi reduzida. Na Geórgia, outro estado dos EUA, um menino de quatro anos deu vários saltos em cima de um bebé de 15 meses depois de ver um vídeo de *wrestling*, deixado a correr enquanto o *babysitter* saía para comprar cigarros. O miúdo quis imitar os movimentos dos lutadores e acabou por matar o mais pequeno.

“Os meus pais deixam-me ver, desde que eu não repita. Eles dizem que aquilo é perigoso, mas que não é nada importante. Se eu vir não faz mal”, conta.

Apenas Hugo, de dez anos, tem a certeza que “aquilo é a sério e que os *wrestlers* se magoam”. Os restantes acham que “é tudo a fingir, uma brincadeira”. Mas não é bem assim, adverte o lutador português Bruno Brito (ver texto nestas páginas).

A APSI está preocupada com os acidentes que resultam destas brincadeiras. “Se o *bullying* é feito com maldade, estas brincadeiras não têm a intenção de magoar, mas são agressões, porque o *wrestling* incita à violência”, declara Helena Cardoso de Menezes, presidente da associação. Se os lutadores sabem o que fazem, os rapazes – do 1.º ao 9.º ano – não, e ficam surpreendidos com a sua própria força, continua.

“Não são mais graves por milímetros”

Ao hospital de Évora chegam crianças e adolescentes com traumatismos cranianos, lesões e ferimentos provocados pela mesma brincadeira, revela Rui Rosado, cirurgião pediátrico e membro da direcção nacional da APSI. “A situação começou a chamar-me a atenção, há casos que não são mais graves por milímetros. São chamados movimentos caóticos, que podem ter efeitos imprevisíveis”, define.

São sobretudo os rapazes, entre os dez e os 13 anos, que chegam às urgências. “Se é assim em Évora, o mesmo se deve passar em todo o país”, calcula.

Há dois fins-de-semana que Carlos Simões se zanga com o filho de sete anos e com a mulher, por causa do programa que passa ao domingo à tarde. Na família, o vereador da câmara da Golegã está isolado nos seus argumentos. Por um lado, o filho quer assistir porque os amigos vêm. Por outro, a mulher teme que o rapaz não se integre na escola porque não vê as mesmas coisas que os outros. “Eu prefiro que não brinque a que apareça em casa com o pescoço partido”, reage o pai.

Carlos Simões sabe de mais casos de crianças que se magoam, no concelho onde vive. Há uma semana, na escola do filho, um menino tinha a cara pisada e a marca de uma bota na testa porque “andou a brincar ao *wrestling*”. O pai está preocupado com o horário a que dá o programa: as crianças vêem ao domingo e no dia seguinte, na escola, o “disparate é total”.

A coordenadora da básica Leão de Arroios, Zilda Mota, já proibiu as crianças de brincar ao *wrestling*. “Eles gostam de fazer o que vêem na televisão. Não posso aceitar que os órgãos de comunicação social digam que é isto que as crianças querem ver, quando não dão outras alternativas. Se derem coisas boas, elas aprendem a gostar de outras coisas.” ■

Associações dizem que operadores de TV devem ser responsáveis

Wrestling é “entretenimento de características infantis”, responde responsável da SIC

À Associação dos Consumidores de Media (AC-Media) chegam queixas de pais e educadores que “fazem a denúncia da agressividade dos conteúdos, que consideram não ser adequado para um público infanto-juvenil”. Também há queixas de professores que sentem o reflexo do *wrestling* no comportamento das crianças, informa o presidente da associação, Nuno de Campos. “Não há qualquer dúvida que as crianças reflectem aquilo que vêem”, diz.

O exemplo mais recente é o do enforcamento de Saddam Hussein, que foi imitado por mais de meia dúzia de crianças, aponta Rui Teixeira da Mota, presidente da Associação de Televisores de Televisão. Nem esta associação, nem a Entidade Reguladora para a Comunicação Social receberam queixas.

O “grande perigo” é quando os mais novos vêem o programa sozinhos, diz Nuno de Campos. Quando estão acompanhados “há sempre a possibilidade de o adulto explicar, retirar a carga emocional”. “Há um decréscimo do perigo”, explica. A ACMedia defende a educação para os *media*, uma actividade que já promove, a pedido das escolas.

Para Teixeira da Mota, os pais continuam

a ser os “primeiros educadores, formadores da formação de consciência dos jovens”, só que não conseguem ser polícias. Por isso, os operadores devem ser “mais responsáveis e ter a consciência e ética profissional para retirar o programa do ar se se registarem casos de violência, por imitação”, insiste.

“A decisão é sempre dos pais”, responde José Navarro de Andrade, responsável pelas aquisições internacionais da SIC. O programa está classificado para maiores de 12 anos e deve ser visto com aconselhamento parental. Antes de começar, são feitos os avisos necessários: que não é para reproduzir, que os lutadores são profissionais e sabem o que estão a fazer. “Se há problemas nas escolas ainda somos menos responsáveis, porque aí há professores e empregados”, continua.

A justificação para o *wrestling* passar ao domingo à tarde é simples: “É um programa divertido, ligeiro, aquilo é uma palhaçada no sentido mais nobre da palavra, é mais uma novela onde nada induz à realidade. É entretenimento com características bastante infantis e que penetra nas idades entre os quatro e os 14 anos.” ■ B.W.

“Lutadores têm a vida de outra pessoa nas mãos”

Menores de 14 anos não têm “noção da responsabilidade” para praticar *wrestling*, diz lutador português

Bruno Brito tem 23 anos, treinou-se com o falecido Tarzan Taborda e pratica *wrestling* há cinco anos. Nos ringues é conhecido por *Bammer* e nunca foi grande adepto de que as emissões televisivas de *wrestling* chegassem a Portugal, porque “é polémico e no estrangeiro já aconteceram casos de miúdos que se magoaram”, diz.

O lutador, que já se treinou em Inglaterra e quer ir para o Canadá, para a “melhor” escola da modalidade, é responsável pelo *site* www.wrestlingportugal.com, onde recebe mensagens de crianças que lhe dizem que na escola é proibido brincar, mas que quebram as regras sempre que podem. Não vale a pena dizer-lhes que os *wrestlers* se magoam mesmo a sério; que a luta é combinada mas que há muitos imprevistos; que muitos saem do ringue lesionados. “Fico sempre irritado quando me dizem que aquilo é a brincar, porque não é”, reage.

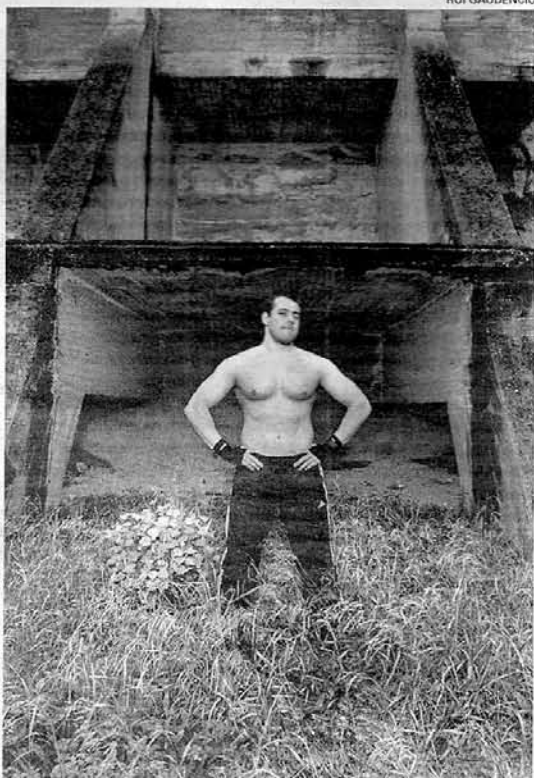
Que recomendações dá aos mais novos? “Que não repitam nem em casa, nem na escola”, responde. “Para praticar *wrestling* é preciso uma mentalidade que os miúdos não têm”, explica.

Nem mesmo os de 14 anos, idade que Bruno Brito considera mais recomendada para começar a praticar, têm mentalidade para perceber o que implica aprender *wrestling*. “É preciso ter uma longa conversa com eles porque têm de compreender que o *wrestling* é a sério. Têm de compreender que têm a vida de outra pessoa nas mãos deles. Têm de ter noção do risco”, adverte. “Quanto mais novos, menos noção de responsabilidade têm”, acrescenta.

Em Portugal não há muitos espaços onde praticar. No próximo mês o lutador

pretende começar a receber alunos na Academia Wrestling Portugal, em Queluz, mas só adolescentes a partir dos 14 anos. Por isso, os mais pequenos podem fazer outros desportos como judo, luta greco-romana, karaté... O problema é que, quando experimentam essas modalidades, não gostam. “Não é o mesmo, não tem golpes espectaculares, nem o ringue que vêem na televisão”, justifica. “Eles olham para os lutadores como super-heróis e ficam fascinados com a imagem, por isso querem ser iguais a eles.” Só que não podem, conclui. ■ B.W.

RUI GALDÍNCIO



“Não repitam em casa, nem na escola”, avisa Bammer